

Roberto Corrêa e Juliana Saenger lançam hoje a partir das 19h00 no Foyer da Sala Villa-Lobos o disco *Sertão Ponteadado - Memórias Musicais do Entorno do DF*

Memória desfiada na Viola



Domínio Público - Na visão de Juliana Saenger e Roberto Corrêa trazer a cultura do cerrado à tona possibilitará um grande enriquecimento para Brasília, cidade tida como capital do rock e outros gêneros. Se a proximidade geográfica com o Entorno é fato, culturalmente a distância entre Brasília e as regiões adjacentes é enorme, conforme atesta Roberto Corrêa. "Nas escolas quando se fala em folclore mencionam-se os índios do Amazonas ou as tradições do Sul do país, mas não se discute a região Centro-Oeste. Quando se pensa em MPB é música do Rio ou da Bahia. Mas eu não sou do litoral, a minha cultura é interiorana". O músico observa: "Veja o caso de Pernambuco. Artistas como Lenine, Chico Science e Mestre Ambrósio se inspiraram em suas tradições para realizar um trabalho moderno. Imagine que experiências os músicos de Brasília não criariam a partir da fusão com elementos do Entorno. O rock da cidade ficaria muito mais rico."

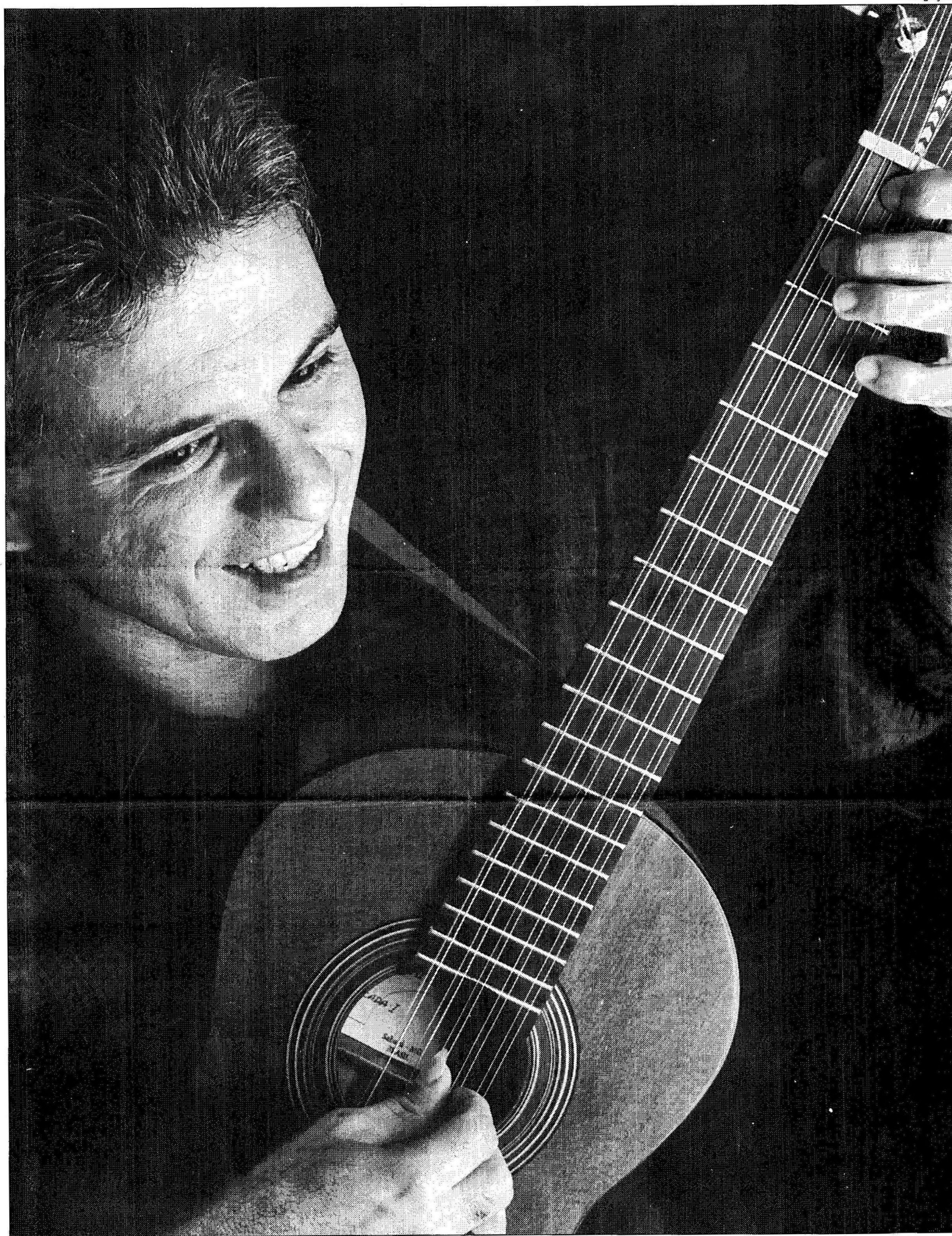
Segundo Roberto Corrêa, além da preservação de uma tradição, existe um fator didático importante envolvendo a elaboração de um catálogo de todo esse manancial disponível no Entorno. Para o violero o registro ajuda a dar nome aos bois quanto ao crédito das expressões culturais de domínio público, um hábito não muito difundido entre os músicos brasileiros. "Na música é comum as pessoas se apropriarem de algo sem saber ao certo de onde vem. Se você quiser gravar *Cutelinho* precisa pagar os direitos autorais ao Paulo Vanzolini, porque ele adaptou o tema. Mas adaptou como e de onde?", questiona Roberto, que acrescenta: "Com essas manifestações registradas como tradicionais, os músicos passam a conhecer sua origem e têm a liberdade de criar seu arranjo em cima do tema, recebendo os direitos autorais pela sua adaptação."

Estimulados com o fruto de sua primeira visita, Juliana Saenger e Roberto Corrêa esperam o apoio de patrocinadores para a edição de novos CDs, dado que o campo de trabalho é gigantesco, incluindo-se aí áreas de cidades-satélites de Brasília, como o Gama e Planaltina. Mas independente de patrocínio, eles continuam gravando. Roberto até pensa em um dia lançar pela Viola Corrêa uma série de discos nos moldes do selo Marcus Pereira, que gravou na década de 70 preciosidades da música popular do Nordeste, Norte, Goiás e das demais regiões brasileiras.

"O que eu acho mais emocionante nesse disco é o fato dele se relacionar com o respeito à tradição, ao pai, ao avô, à ancestralidade. Esse CD é maior do que a gente e do que nosso trabalho", declara Juliana Saenger. "Esse disco me fez ficar mais orgulhoso ainda das minhas raízes, enriquecendo minhas emoções e sentimentos. Em tempos de globalização, se conhecemos a cultura de nossa terra não vamos entrar em uma canoa furada de ninguém", avalia Corrêa.

MARCELO ARAÚJO
Repórter do Jornal de Brasília

■ **SERTÃO PONTEADO - Memórias Musicais do Entorno do DF**
Lançamento do CD hoje, às 19h, no Foyer da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional



Roberto Corrêa: pesquisa para enriquecer a memória musical de Brasília

Vozes da tradição do Centro-Oeste

O encarte do CD *Sertão Ponteadado - Memórias do Entorno* reúne depoimentos que explicam cada uma das manifestações gravadas. O curioso é que essas informações são

declarações gravadas pelos próprios integrantes dos grupos. "Ficaria mais interessante e enriquecedor que eles mesmos falassem sobre suas culturas", fala Juliana Saenger.

CANTORIAS DE DEVOÇÃO

"O que eu canto aqui, eu não canto acolá não. Vai nas mesmas histórias, mas rimando diferente (...) Aí é que o guia tem que basear. Não tá lá escrito, mas ele tem que basear na história. (...) Cada um tem a sua inspiração, sua bestagem ou sua inteligência".

Rosilverte Antonio Pires (Seu Rosa), de Buritis

CANTORIAS DE DIVERSÃO

"A curraleira é o seguinte, é dizer uma história simplificada, a gente simplifica a poe na curraleira. Eu tenho uma que é a que mais gosto, eu tirei lá com uns quatro, cinco anos."

Osmar da Costa Vale, de Buritis

TERÇO CANTADO

"Nós canta o terço de ofício, canta o terço do catolicismo, tudo cantado de cor, de muitos anos. Graças a Deus. (...) Porque nós rezava todo ano para São Sebastião, pra Nossa Senhora da Abadiz e rezava nos vizinho também, sempre, cumprindo aquela promessa."

Seu Dionísio de Souza Cruz (Seu Lió), de Luziânia

CANTOS DE TRABALHO

"Acho muito difícil a pessoa pegar numa roda dessa e num cantá ou assoviá... é o serviço melhor que tem de intirri. Você pega um baladinho de algo, põe de lado e fica: Ai meu Deus do

céu o que será de mim, tífico, tífico, tífico, ..."

Maria Luiz Perreira, fiadeira de Sagarana

CANTIGAS DE RODA

"Ah, eu aprendi lá na Fazenda do Escuro, fica aqui pro lado da Batalha. É município de Paracatu mesmo. Minha família nasceu e criou no município de Paracatu. (...) Que os povo antigo só dançava era essas dança. Se for lembrá, dança a noite inteira sem repeti. O que é brinquedo de roda dos antigos, isso aí é muita coisa. Chapéu Preto, Tirana, tem aquela... tem o Gamba, né?"

Dona Sebastiana Monteiro Dias, de Paracatu